

“Maloqueiro e sofredor”: memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol

João Manuel Casquinha Malaia Santos¹
Alex Lopes Granja²

DOI: 10.14393/CPCDHIS-v29n2-2016-11

Resumo: O presente artigo tem por objetivo compreender como os torcedores buscam guardar em suas memórias acontecimentos que reforcem os elementos identitários do grupo a que pertencem. A ideia desta pesquisa foi a de tratar, não apenas de criar fontes por meio de entrevistas, mas a de usar o próprio canto da torcida como fonte oral que carrega consigo aspectos da identidade do grupo. Trabalhamos com os conceitos de identidade e memória e com a metodologia da história oral, comparando a letra de um cântico com as entrevistas, que versam sobre as percepções sobre a identidade do clube e sobre suas memórias, tanto individuais quanto as compartilhadas com os demais torcedores.

Palavras-chave: Memória. Identidade. História Oral. Futebol.

Abstract: The main goal of this research is to understand how football supporters retain in their memories facts that reinforce identity aspects of the group which he belongs. We do not use oral history only to create sources with interviews. Our intention is to work with songs from the supporters in the stadium as an oral source full of identity meanings. We work with concepts of memory and identity and with oral history methodology, comparing the lyric of one particular song with the interviews, when we asked about their perceptions about the clubs identity, their individual memories and memories shared with other supporters.

Keywords: Memory. Identity. Oral History. Football.

Introdução

A História Oral se destaca nos últimos anos devido à sua contribuição para os estudos sobre constituição da memória coletiva e sobre a História do Tempo Presente.³

¹João Manuel Casquinha Malaia Santos. Graduado em História/USP. Doutor em História Econômica/USP. Pós-Doutor em História Comparada/UFRJ. Universidade de São Paulo Professor vinculado ao Ludens- Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas. jmalaia@gmail.com.

²Alex Lopes Granja. Universidade Nove de Julho-SP. Graduado em Educação Física pela Uninove-SP. Mestrado em Gestão do Esporte pela Uninove-SP. lopeslelo@hotmail.com.

³Para consultar trabalhos sobre a relação entre História Oral e Tempo Presente ver FERREIRA, Marieta de M. História, Tempo Presente e História Oral. *Topoi*, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002 e RODEGHERO, Carla S. e OLIVEIRA, Márcia R. Apresentação: História Oral e História do Tempo Presente. *História*

Dentro deste contexto, a investigação sobre a constituição da memória coletiva possibilita interessante caminho para a compreensão de processos de formação de identidade de grupos sociais. Com esta ideia em mente, o desenho desta pesquisa é o de compreender como determinadas características são escolhidas por indivíduos pertencentes a um determinado grupo para que os mesmos se auto denominem diferentes dos demais e como estas características se cristalizam nos acontecimentos evocados pelas memórias desses indivíduos.

Aspectos do passado do fenômeno esportivo têm sido amplamente estudados nas duas últimas décadas. Apesar de muitos desses estudos se utilizarem de fontes orais ou de métodos da História oral⁴ o mesmo não pode ser observado quando se pensa no campo específico do estudo com fontes orais que se preocupem em perceber a relação entre a memória individual e coletiva com a identidade dos torcedores de uma determinada equipe.

A ideia desta pesquisa foi a de tratar não apenas de criar fontes por meio de entrevistas, mas a de usar uma outra fonte oral: o próprio canto da torcida no estádio. Com esta ideia em mente, buscou-se encontrar um cântico que fosse entoado pelos diversos setores do estádio, sem fazer menção a alguma torcida organizada em especial e que pudesse desnudar os princípios pelos quais os torcedores se sente pertencentes a este grupo específico. Em suma, procuramos um cântico que expressasse a identidade de ser torcedor de uma determinada agremiação. O clube escolhido para a análise é um dos que mais trabalha sua identidade como sendo um clube de origem popular e de grande adesão das camadas populares: o Sport Club Corinthians Paulista.

Após a escolha de cântico que representasse de maneira fácil e simples esses traços da identidade do clube, buscamos entrevistar torcedores sobre o que entendem ser a identidade do clube, bem como suas memórias mais marcantes como torcedor e as memórias de eventos do passado mais presentes nas conversas com outros torcedores do mesmo clube. Desta maneira, buscamos estar atentos à produção da memória e à presença dos elementos identitários do cântico da torcida nas memórias dos torcedores.

Oral, v. 17, n. 1, p. 5-6, 2014.

⁴Alguns exemplos de trabalhos recentes do campos da história do esporte que trabalham com História oral são GIGLIO, Sergio. Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia. *Oralidades*, v. 4, n. 7, p. 101-124, 2010; TONINI, Marcel Diego. Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores. *Oralidades*, v. 4, n. 7, p. 125-146, 2010; e SILVA, Luis H. R., PEREIRA, Ester L. e MAZO, Janice Z. O uso de fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do Fogo Simbólico. *Cinergis*, v. 14, n. 3, p. 166-171, 2013.

Com isto, buscamos tentar jogar luzes sobre as relações entre as memórias individuais e coletivas com a identidade do grupo e com a percepção da festa e de suas canções como lugares de memória (CAVALCANTI, 2001)

Para a realização deste trabalho, operou-se inicialmente uma aproximação com os conceitos de identidade e memória. Após esta breve apreciação, passamos a demonstrar como se deu a operação metodológica da história oral, com a criação das fontes e com a escolha do cântico a ser levado em conta como oralidade da torcida. A penúltima parte deste artigo dá voz aos torcedores e às suas percepções sobre a identidade do clube e às suas memórias individuais e compartilhadas com os demais torcedores. Por último tecemos as considerações finais, comparando as colocações dos entrevistados entre si e com as expressões entoadas no cântico. Apontamos algumas conclusões, limitações dos trabalhos e sugestões para pesquisas futuras.

Memória e Identidade

Le Goff (LE GOFF, 1990, p. 336) define a memória como sendo a “propriedade de conservar certas informações”. Além disso, o autor destaca que a memória nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas e que graças a essas funções é que podemos atualizar as impressões ou informações passadas, ou que representamos como passadas. Ao se ouvir o termo “memória” logo uma das primeiras impressões que fica é a de que se trata da capacidade “individual” de armazenar informações, histórias, fatos ou momentos vividos no passado.

Embora se deva reconhecer a importância da memória individual, pois ela é à base da memória coletiva (HALBWACHS, 1968), parece mais sensato, para a proposta deste estudo, entender o funcionamento da conjunção destas memórias. Estudos apontam que a investigação das memórias individuais conjugadas dos atores sociais de um contexto, ou seja, a memória coletiva, completa, dá mais força e torna uma história mais fidedigna do que se a investigação tiver o foco em extrair os significados e as observações das memórias de cada indivíduo isoladamente.⁵

⁵Podemos citar como exemplos: DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In ACHARD, Pierre; et al (org).*Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999; e Fragmentos da la Memoria Colectiva. Selección e Traducción. Miguel Angel Aguilar D. Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, 1991; PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In ACHARD, Pierre; et al (org).*Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1991.

O principal teórico que apresenta a dimensão coletiva de memória é Maurice Halbwachs. Em seus trabalhos sobre a memória coletiva, Halbwachs entende que a memória não se limita ao plano individual, mas ultrapassa esse plano, pois considera que as memórias de um indivíduo sempre existem em conjunto com outras memórias de outros indivíduos. O autor defende que só é possível lembrar-se de algo concretamente mediante a presença de um grupo de pessoas e sempre em conjunto com as memórias da sociedade. Segundo Halbwachs (HALBWACHS, 1991, p. 02), a memória coletiva diz respeito ao “processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade”.

A memória coletiva se configura como um espaço sempre aberto à diferença e a proposição de cada sujeito. Em decorrência, alguns acontecimentos podem fazer parte ou não da memória de um grupo, bem como alguns acontecimentos podem fazer parte da memória de um grupo mesmo não tendo acontecido (PÊCHEUX, 1999). Pollak entende que a memória coletiva é composta pelas tentativas, conscientes ou não, de definição e reforço dos sentimentos de pertencimento e das fronteiras sociais (POLLAK, 1992). Em se tratando deste processo de compartilhamento é importante ressaltar que a memória coletiva é compartilhada historicamente, espacialmente ou temporalmente por um grupo de pessoas que podem se aproximar por motivos religiosos, familiares, étnicos, sociais ou nacionais (HALBWACHS, 1968).

Visando o entendimento mais profundo da memória coletiva, existem duas considerações importantes que necessitam ser feitas sobre a memória coletiva. A primeira diz respeito a “como” a memória coletiva deve ser utilizada. Sobre isso, Davallon salienta que existe a “necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e, sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social” (DAVALLON, 1999, p. 25).

A memória coletiva vai sendo estruturada com suas hierarquias e classificações e fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais de um grupo (POLLAK, 1989). Pêcheux, entende a memória coletiva como sendo um “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...] um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Observam-se dois pontos

importantes nestas considerações: 1) A memória se trata de um fenômeno construído por um coletivo; 2) A memória está sujeita a mudanças, ou seja, não se trata de algo quadrado e permanentemente estagnado. Pollak, também defende que a dimensão coletiva da memória, indica que entendamos a memória como sendo “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201).

No caso dos clubes de futebol, a construção coletiva da memória se dá, se enaltece e é guardada pelos gestores dos clubes ao longo de sua história por meio dos memoriais existentes nas sedes, nos sites, pelas ações de marketing dos clubes, mas também se dá espontaneamente, nas arquibancadas, com cânticos que são entoados por anos e anos. Sobre isso, Cardoso alerta que no percurso da construção da memória coletiva os fatos, momentos e acontecimentos podem passar por um processo de seleção, de reinterpretação e, ocasionalmente, de invenção (CARDOSO, 2005, p. 17). A memória é sempre suspeita para a história e deve ser observada com cuidado (NORA, 1993), bem como a memória está sujeita a mudanças.

A memória é um

“elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 205).

A identidade de um clube de futebol, pensada como constituidora da memória, pode ser trabalhada de acordo com a perspectiva do conceito de identidade organizacional. Albert e Whetten colocaram uma definição clássica para a identidade organizacional como aquelas características de uma determinada organização que fazem com que seus membros se sintam diferentes e inimitáveis por outras organizações (ALBERT; WHETTEN, 1985). Segundo Whetten, a reivindicação da identidade por parte dos membros de uma organização é uma das maneiras de se construir a identidade organizacional (WHETTEN, 2006). Gioia, Schultz e Corley defenderam que a identidade organizacional é socialmente construída pelos membros das organizações através do tempo e o trabalho com elementos do passado tem grande impacto nesta construção (GIOIA; PRICE; HAMILTON; THOMAS, 2010).

No caso do Corinthians, membros de sua torcida e ações mercadológicas do clube o colocam como “otime do povo”. Apenas para citar exemplos simples, a escola de futebol para crianças do clube é conhecida como “Escolinha do Povo” e o patrocinador oficial do clube, a Caixa Econômica Federal, usa a expressão “time do povo” em suas peças publicitárias em alusão ao Corinthians. A alusão a esta expressão, bem como a outras como “República Popular do Corinthians”, nome de seu centro de treinamento na periferia de São Paulo, busca resgatar as origens populares do clube, uma história oficial presente nos principais livros escritos por memorialistas e torcedores do clube, bem como na seção de história de sua página oficial na internet. Tais rótulos que imprimem uma identidade aos clubes de futebol estão calcados em elementos de seu passado, por exemplo, no caso do Corinthians, sua origem popular.

No entanto, não nos interessa neste momento o foco nas ações organizadas por diretores, gestores ou patrocinadores. Na verdade, nos parece que estes agentes apenas retiraram elementos presentes nas diversas manifestações dos torcedores sobre seus elementos de identidade, como no caso a origem popular. A nós nos interessa perceber como as diferentes oralidades dos torcedores auxiliam neste processo de identificação.

História oral e as oralidades

A História oral é, antes de tudo, uma metodologia de pesquisa. Adotamos esta metodologia por acreditar que é a melhor maneira de responder à nossa inquietação de pesquisa, que é compreender as relações entre identidade e memória em uma dada organização. A História oral tem como uma de suas características a produção de narrativas orais, que são narrativas de memória. “Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade” (SILVEIRA, 2007, p. 41).

O uso de fontes orais tem se disseminado à mesma medida que se adequam a novos objetos que vão entrando para o escopo de pesquisa dos historiadores. Um destes objetos que ganha proeminência na pesquisa histórica é o esporte. E devido à contemporaneidade e à relativa jovialidade deste fenômeno, as fontes orais têm sido

usadas para dar suporte às narrativas sobre o passado dos indivíduos em suas experiências com o esporte.

Não por acaso, revistas científicas têm dado espaço e este tipo de pesquisa, inclusive com edições temáticas. Um exemplo é a edição especial da revista *Oralidades*, de 2010. No editorial de apresentação, os editores colocaram que, no caso da história oral, a ideia de preparar um dossiê temático sobre “corpo e esporte” procura “alimentar debates particulares, afeitos a temas que representam tendências no uso e aplicação de fontes orais” (EDITORIAL, 2010, p. 11).

A análise das diversas oralidades produzidas por torcedores, especificamente de cânticos e declarações feitas em entrevistas, foram a forma que consideramos mais eficaz de compreendermos duas dimensões da relação entre identidade e memória. Primeiro, compreender como determinadas características são escolhidas por torcedores para que os mesmos se auto denominassem diferentes dos demais. Posteriormente, para compreender como estas características se cristalizam nos acontecimentos evocados pelas memórias desses torcedores.

Torna-se desnecessário refazer todo o caminho de disputa pela valorização das fontes orais e de sua metodologia, bem como a explicação de todas as suas potencialidades. Esta metodologia encontra-se em um outro momento, não de afirmação, mas de exploração de suas mais amplas potencialidades (LOZANO, 2015). No entanto, vale a pena salientar alguns aspectos deste caminho.

Se a história oral se consolidou como um método, a abordagem que dá à natureza de suas fontes vem tomando diferentes formas ao longo dos últimos anos. De uma abordagem sistemática de criação de fontes por meio de entrevistas e disponibilização das mesmas em acervos para uma pluralidade na forma como se encara o que é uma fonte oral dentro de um espectro maior de manifestações orais. Em nosso caso, além das entrevistas, procuramos buscar os elementos da identidade do torcedor corintiano para além dos depoimentos que coletamos.

Poderíamos buscar estes elementos identitários nas produções materiais (livros da história, o memorial do clube, os produtos que fazem alusão à sua história). Mas preferimos buscar outras manifestações sonoras e coletivas como meio para obtenção de outras fontes orais. Não estamos pensando aqui em uma transferência de valores, de elementos identitários produzidos de dentro do clube para seus torcedores, mas estamos

pensando nestes torcedores como criadores também destes elementos. E basta falarmos de torcidas de futebol, que mesmo o mais desatento observador vai se lembrar de uma característica particular deste fenômeno: os gritos de guerra e os cânticos entoados nos estádios.

Meihy colocou que as letras de músicas ou de canções “apresentam-se como possibilidade valiosa para o exame da reserva de memória e para as discussões sobre identidade” (MEIHY, 2004, p. 121-122), justamente aspectos centrais de nossa análise. As músicas, os cantos, cânticos e gritos de guerra são produto de uma tradição oral dos torcedores que acontecem desde os primórdios dos jogos de futebol com aglomeração de público. Estas manifestações sonoras podem ser elementos poderosos de análise de questões ligadas à identidade de grupo. As músicas constituem um rico repositório de conhecimento, significado e identidade comum e oferece lentes pelas quais podemos observar as experiências dos grupos e dos indivíduos (GILBERT, 2005).

Ao falar sobre as características gerais das festas, Durkheim aponta que qualquer festa, por mais puramente leiga, tem certos traços de cerimônia religiosa. Ao citar as características que aproximam as festas das cerimônias religiosas, o autor cita gritos, cantos, músicas, movimentos violentos e danças. Aponta que estas duas manifestações tem por efeito “aproximar indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio” (DURKHEIM, 1996, p. 416-417). É impossível ler estas características e não se lembrar do que fazem os torcedores nas arquibancadas de futebol. E se “os cantos religiosos são reproduzidos e ressignificados na coletividade em que se atualizam, reafirmando a identidade cultural” (SUTTON, 2010, p. 15) de uma religião, também os cantos de uma determinada torcida carregam consigo elementos de identidade cultural deste grupo específico de torcedores.

Artigos recentes têm procurado analisar as festas sob as perspectivas da história oral.⁶ A festa passou a ser vista também como um “lugar de memória, de construção e atualização de um passado que não pertence apenas aos seus cidadãos, mas mostrou-se capaz de atribuir identidade a setores amplos da sociedade”(CAVALCANTI, 2001, p. 74).

⁶Alguns exemplos são WEBER, Roswithia e KUNZ, Marinês A. De quem é a festa? Diversidade étnica nas comemorações do 25 de julho em São Leopoldo (RS). *História Oral*, v. 16, n. 1, p. 85-102, 2013 e MONTEIRO, Livia N. História Oral e as festas do Rosário: memória, ancestralidade e identidade negra em Minas Gerais. *Resgate*, v. 22, n. 27, p. 31-40, 2014.

A esta pesquisa nos interessa o canto da torcida, a música fácil e acessível a todos, mesmo aos indivíduos sem nenhum tipo de treinamento musical. Procuramos buscar um cântico que não fizesse referência a nenhuma torcida organizada e que fosse popularmente cantado, além de fazer referência direta às características de ser corintiano. Uma das mais entoadas canções com esta característica tem a seguinte letra: “O, o, o, o! Corintiano, maloqueiro e sofredor! Graças a Deus!”. Um cântico simples, repetido várias vezes durante os jogos do clube, em que dois adjetivos definem o “corintiano”: maloqueiro e sofredor. Este cântico serve como base para pensarmos na transferência daquilo que cada indivíduo pensa sobre a identidade do torcedor corintiano e do grupo ao qual pertence.

O termo maloqueiro carrega consigo uma forte carga significativa, uma vez que em sua definição nos dicionários encontramos sinônimos desta palavra como vagabundo, pilantra, bandido ou maltrapilho. O termo é também comumente utilizado para designar moradores de rua, ou aqueles que se escondem ou escondem (malocam) objetos (VARANDA; ADORNO, 2008, p. 2004). Ainda que carregando este sentido, dos diferentes setores de seu estádio, os torcedores se auto intitulam “maloqueiros” e “sofredores” e ainda evocam “Deus” pela graça concedida.

Interessa-nos compreender dois aspectos deste processo. O primeiro de como os elementos identitários em si estão presentes nos discursos daquilo que cada torcedor acredita ser a identidade do Corinthians. O segundo e compreender como os torcedores buscam guardar em suas memórias acontecimentos que justamente reforcem estes elementos identitários.

Para atingir este objetivo, foi necessário realizar entrevistas, produzir estas fontes por meio da metodologia da história oral. Ao procedermos desta maneira, buscamos fazer uma interlocução de oralidades de diferentes naturezas. Procuramos realizar uma investigação “que faz diversas fontes orais conversarem entre si e reforça os sentidos de articulação entre memória e identidade” (SANTHIAGO, 2008, p. 39).

As entrevistas desta pesquisa são de natureza temática, versando sobre as memórias dos entrevistados no tema escolhido pelos autores. Neste tipo de investigação – a história oral temática – quanto mais informações se tem previamente, mais aprofundadas podem ser as questões (MEIHY; HOLANDA, 2015).

Antes da realização das entrevistas foi realizada toda uma etapa de preparação com uma pesquisa sobre a história do clube, suas principais conquistas e derrotas, bem como o que havia de produção escrita e oral sobre a identidade do clube. Tal tarefa foi realizada a fim de poder dialogar com os entrevistados, sabendo a que acontecimentos os mesmos estavam se referindo, aprofundar as questões com os mesmos.

Elaboramos um roteiro de entrevista que continha inicialmente perguntas simples para que pudessemos conhecer os entrevistados, um pouco de sua vida, o tipo de trabalho que executava. Depois as perguntas relacionadas à nossa pesquisa, e que procuravam versar sobre a identidade do clube, as memórias individuais mais significativas de cada um dos entrevistados e os acontecimentos do passado mais presentes em conversas com outros torcedores da mesma equipe. Procuramos, propositadamente, não citar as palavras do cântico nas perguntas (“maloqueiro” e “sofredor”) de modo a não influenciar as respostas em direção à comparação que desejávamos fazer.

A escolha dos entrevistados se deu de modo a que os mesmos pudessem ter características que pudessem responder à nossa questão de pesquisa (ALBERTI, 2013). Escolhemos para serem entrevistados torcedores entre 25 e 40 anos, homens, que fossem sócio-torcedores⁷ do clube e assíduos na frequência ao estádio em diferentes setores do mesmo. Tais características colocam os entrevistados em condições de terem vivenciado os diferentes cânticos e gritos de guerra dentro do estádio e de terem memórias significativas no período mais recente da história do clube, recheada de acontecimentos positivos e negativos.

Os torcedores foram contatados dentro do estádio em um dia de jogo do Coríthians para a posterior realização da entrevista. Procuramos contatar os torcedores em setores diferentes do estádio, com preços diferentes e que pudessem nos fornecer entrevistas não apenas com torcedores de diferente poder aquisitivo, mas de modos de comportamento diferentes. Nos setores de preços mais baixos, o comportamento dos torcedores é mais festivo, raramente os mesmos se sentam e passam quase o tempo todo cantando. Já nos setores mais caros, os torcedores preferem assistir aos jogos sentados em seus lugares demarcados, mas mesmo assim entoando os cânticos nos momentos

⁷Sócio-torcedor é uma pessoa afiliada ao clube apenas para frequentar as partidas de futebol no estádio. Ao pagar mensalidades, passa a ter descontos nos ingressos e preferência de compra nos jogos mais concorridos.

mais emocionantes do jogo. No jogo específico em que os torcedores foram contatados, os ingressos custavam os seguintes valores para cada um dos setores: Norte e Sul: R\$50,00;Leste Inferior: R\$80,00;Leste Superior: R\$100,00;Oeste Inferior: R\$120,00; e Oeste Superior: R\$180,00.

Estes torcedores, altamente identificados com o clube, nasceram todos após 1977, ano em que a equipe corintiana acabou com o maior jejum de títulos de sua história (22 anos). Viveram uma época importante do crescimento do clube em termos de conquista de títulos e de sua torcida. A conquista tardia do primeiro campeonato brasileiro, em 1990 e as conquistas do final da década de 1990 e início dos anos 2000. O início dos anos 2000 trouxe a conquista de um mundial interclubes. E viveram as conquistas recentes de campeonatos nacionais (Brasileiro) e internacionais (Libertadores e Mundial Interclubes). Mas nem só de bons momentos viveram os torcedores: em 2007, vivenciaram a queda à 2ª divisão do campeonato brasileiro E no final dos anos 1990, foram duas vezes eliminados na mais importante competição de clubes da América do Sul pelo arquirrival Palmeiras (1999 e 2000).

Estes mesmos torcedores viveram um período de grande crescimento da torcida. Pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha, entre 1993 e 2012, mostram que a torcida do Corinthians teve um crescimento na proporção do total de torcedores no país, de 10% para 15,57%. Esses números colocam o Corinthians não mais como o 2º clube com maior torcida no país, mas em empate técnico com o Flamengo, que detém 16,26% dos torcedores, como as duas maiores torcidas do Brasil (SANTOS, 2014).

Nas entrevistas, tratamos em primeiro lugar de conhecer o entrevistado, sua relação com o clube, o modo como se tornou um torcedor. Além disso, por meio de uma série de perguntas prévias, tentamos descobrir qual o nível de envolvimento que o torcedor tinha com seu clube. Quanto à temática mais propriamente da pesquisa, buscamos captar as narrativas que versassem sobre aquilo que o torcedor considera ser a identidade do clube, as memórias mais significativas que cada entrevistado tinha com seu clube e compreender quais memórias cada entrevistado compartilhava com outros torcedores corintianos.

Analisar o material advindo das entrevistas à luz do cântico entoado no estádio – um tipo diverso oralidade coletiva - será um dos caminhos percorridos por esta pesquisa para compreender a relação entre identidade e memória. A ideia é captar por meio dos

relatos dos torcedores como suas memórias buscam reforçar elementos daquilo que a coletividade dos torcedores clama ser sua identidade. Ser maloqueiro, identificado com as camadas populares. Ser sofredor, fanático, aquele que mesmo perdendo tem prazer em acompanhar. “Graças a Deus”.

Maloqueiros e sofredores: as memórias e a identidade do corintiano

Luiz Roberto Taconelli Juniores nasceu em São Paulo-SP, no dia 18/12/1987. Tinha, na data da entrevista, 28 anos. Luiz é advogado e mora no bairro dos Jardins, área nobre da cidade de São Paulo, com o quinto mais elevado IDH de acordo com dados de 2000.⁸ Suas memórias vividas estão ligadas ao primeiro grupo de torcedores. Luiz frequenta o setor das numeradas Leste Inferior, em que cada ingresso custa R\$50,00.

O entrevistado não viu a falta de títulos até 1977 e tinha apenas três anos quando a equipe conquistou o Brasileiro de 1990. É torcedor do Corinthians por influência de seu pai, que o levou ao estádio desde os três ou quatro anos, portanto, à época que a equipe foi campeã brasileira pela primeira vez. No entanto, Luiz só se lembra de ter se tornado torcedor do clube com cerca de 12 anos, ou por volta do ano 1999, 2000. Este foi um período importante na história do clube. Em 1998 e 1999 a equipe foi campeã brasileira e conquistou o mundial interclubes da FIFA em 2000.

Quando perguntado sobre o que considerava ser a identidade do Corinthians, Luiz foi enfático: “O Corinthians é um clube de fanáticos. O time com título ou sem títulos sempre tem uma quantidade boa de torcedores nos estádios. [...] Muitas vezes deixa de comprar um alimento em casa para o pai ou para o filho e deixa de pagar um plano de saúde, mas quer ir pro estádio. Isso identifica o fanatismo”.

Quando indagado de sua memória mais significativa em relação ao clube, Luiz citou um episódio de superação dele e de outros milhares de torcedores. O entrevistado cita a viagem que fez à Argentina, para acompanhar o clube na final da Copa Libertadores de 2012. Sem ingresso, Luiz contou como foi a trajetória: “Ah Foi maluca!

⁸Os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) dos distritos paulistanos foram retirados de EMPLASA. *A cidade de São Paulo e a Região Metropolitana: Desafios para o século XXI*. Sumário de dados 2000. CD ROM São Paulo: 2001.

Porque sair de São Paulo, sem hotel para ficar lá. Fui de avião. Fui sem ingresso e cheguei a entrar no jogo no comecinho do segundo tempo. E debaixo de confusão”. A viagem, a falta de ingresso, os ‘perrengues’” como Luiz definiu, foram constantemente lembrados ao longo da entrevista: “Sem ingresso, sem hotel para ficar, sem dinheiro”.

Interessante notar que quando Luiz se encontra com outros torcedores, o que é mais lembrado por eles são justamente estes episódios de superação: “Os ‘perrengues’ que eu passei lá. De chegar lá numa segunda feira de noite e passar a madrugada inteira para ver com o pessoal quem tinham ingresso. Nos hotéis, com as torcidas organizadas e nada. Fui para outras cidades, que não Buenos Aires, atrás de ingresso”. Sem lugar para dormir, sem ingresso, sem dinheiro, lutando para conseguir entrar no estádio e conseguindo apenas no segundo tempo e em meio a confusão. Eis a verdadeira epopeia cristalizada como a mais significativa memória que Luiz tem como torcedor.

Outro torcedor entrevistado, do mesmo grupo de faixa etária foi Claudemir Severino de Oliveira, nascido em Guarulhos-SP, no dia 22 de julho de 1986 e, portanto, com 29 anos. Claudemir é analista de sistemas, mora em Itaquaquecetuba, cidade na região metropolitana de São Paulo e frequenta também o setor Leste Inferior. O contexto em que Claudemir se tornou torcedor do Corinthians é muito parecido com o de Luiz, pois os dois tem diferença de idade de apenas alguns meses.

Quando perguntado do motivo de ter escolhido o Corinthians como clube a torcer, o entrevistado afirmou não se lembrar exatamente, mas deixou claro que -“diferentemente de outras pessoas” - não teve influência de familiares como o pai (que não gostava de futebol) ou do avô (que sequer conheceu). De acordo com Claudemir: “a paixão pelo clube mesmo surgiu de assistir os jogos, de acompanhar e até pelo time que eu mais me identifiquei. Foi um amor que nasceu independente de se basear em outra pessoa”.

Claudemir coloca que não se lembra exatamente quando começou a ser torcedor, mas acredita que foi por volta dos oito ou nove anos. E quando perguntado sobre o que considerava ser a identidade do clube, o entrevistado respondeu com a palavra “guerreiro”. Claudemir aponta que, apesar de ter “mudado muito”, referindo-se ao fato de o clube ter origens populares e ser hoje um dos maiores clubes do Brasil, o Corinthians não perdeu a essência de ser um clube “guerreiro”: “Acho que tem relação

de onde o clube saiu, de onde o clube chegou, o quanto o clube mudou, as pessoas que passaram por lá. Acho que isso que define bem o Corinthians”.

Quando perguntado sobre qual memória seria a mais significativa em sua relação de torcedor com o Corinthians, o entrevistado, em voz pausada, refletiu que seria mais fácil falar de uma conquista, de um título. Mas que sua memória mais significativa com o clube havia sido na dor de uma derrota. E não uma derrota qualquer, mas a derrota para o maior arquirrival (o Palmeiras), na semifinal da Copa Libertadores de 2000: “Foi o momento mais marcante. Porque eu acreditava que era o melhor time que eu vi o Corinthians ter e a gente não conseguiu. Marcou bastante. Mas como é de praxe de todo corintiano: a questão de se basear no sofrimento”.

Claudemir comentou quais memórias mais compartilha com os grupos de torcedores corintianos com os quais conversa. E o entrevistado cita duas competições vencidas em 2012 (a Copa Libertadores, inédita na história do clube) e o Mundial Interclubes no mesmo ano. O entrevistado cita que esta conquista era uma “necessidade para o clube e para os torcedores”, devido às gozações de outros torcedores com basicamente duas questões: o fato de o clube não ter um título da competição sul-americana e o fato de o clube ter conquistado o Mundial Interclubes de 2000 como equipe convidada, sem ter conquistado a Libertadores antes.

Claudemir mostra a importância deste momento na memória dos grupos de torcedores: “acho que a questão de enfim vencer a Libertadores e vencer o Mundial, de forma que os outros consideram a forma legítima. Ganhando a Libertadores, fazendo o caminho considerado correto. Acho que esse é o momento mais comentado”. Nota-se aqui o uso das palavras “enfim” e das expressões “vencer da forma que os outros consideram legítima” e “fazendo o caminho considerado correto” para denotar o quanto as impressões dos outros torcedores marcam as relações de identidade e de memória coletiva do grupo.

Outro entrevistado foi Flaviano dos Santos, nascido em São Paulo, no dia 5 de abril de 1985, portanto com 30 anos à altura das entrevistas. Flaviano é advogado e mora na região dos Jardins. Ele frequenta o setor Leste Superior, com ingressos ao preço de R\$100,00, portanto o dobro do preço dos ingressos mais baratos disponíveis.

O contexto em que Flaviano viveu seus primeiros momentos como torcedor foi o mesmo de Luiz e de Claudemir. Flaviano conta que quando tinha quatro ou cinco anos

era torcedor do São Paulo Futebol Clube, mas que seu pai sempre tentava “corrompe-lo” com a compra de presentes para que ele mudasse de time e se tornasse torcedor do Corinthians. Tal fato se sucedeu quando o entrevistado completou seis anos e ganhou uma bicicleta do pai com a condição de se tornar corintiano. A primeira memória de Flaviano como torcedor foi justamente com a inédita conquista do Brasileiro de 1990, demonstrando a importância daquele título para esta geração de torcedores.

Quando perguntado sobre a identidade do Corinthians, Flaviano foi enfático na sua resposta: “É o time do povo! A maioria dos torcedores do Corinthians é do povo mesmo. Do povão. Aquele que acorda de manhã e passa ‘perrengue’ no trem e chega em casa tarde e dez horas da noite está todo mundo ligado lá na TV pra acompanhar. É o time da massa”. Mais uma vez, a palavra “perrengue” aparece na narrativa como aquilo que define o corintiano, vindo do “povão”, da “massa” e sofrendo para acompanhar o time.

Esta identidade de sofrimento, de “perrengue” que os torcedores corintianos insistem em atrelar ao clube pode ser mais uma vez observado na memória mais significativa para Flaviano. Assim como Claudemir, Flaviano cita a derrota como momento mais marcante de suas memórias como torcedor do clube. A mesma derrota de 2000, citada por Claudemir, com os mesmos tons de dramaticidade: “Aquele momento era o ápice de Corinthians na minha vida [Flaviano tinha então 15 anos]. Eu respirava futebol, acordava futebol, dormia futebol, então foi bem traumático perder aquele título. Inclusive, todos os times tinham a Copa Libertadores, menos o Corinthians”.

Quando Flaviano foi perguntado sobre o que lembrava com outros torcedores corintianos, quais os momentos do passado mais lembrados por eles, a resposta foi também em relação à geração de jogadores de 1998 a 2000 e das conquistas que conseguiu e as que deixou de conseguir: “Geralmente comentamos sobre aquele time que o Corinthians tinha de 1998 a 2000, que era o melhor time que eu já vi jogar do Corinthians, que era na época de Rincon, Luizão, Vampeta, Dida”.

Já Igor Makyama, nascido em São Paulo, no dia 28 de abril de 1978, tinha 37 anos quando foi entrevistado. Igor é advogado, mora em Vila Nova Cachoeirinha, Zona Norte da cidade de São Paulo. Um distrito com IDH de 0,808, considerado elevado, mas na 71ª colocação entre os 96 distritos de São Paulo. Ele frequenta o setor Sul, espaço com os ingressos mais baratos do estádio (R\$50,00). O contexto em que Igor viveu suas

primeiras memórias como torcedor foi diferente do contexto dos três entrevistados anteriores. Igor é filho de pai torcedor do Palmeiras, mas com cerca de nove anos viu o Corinthians ser campeão paulista (1988) e passou a se declarar corintiano, muito por conta do título e da influência dos amigos.

Igor também foi categórico ao definir uma identidade para o Corinthians: “É o time do povo! O Corinthians é a massa”. O entrevistado usa uma definição interessante sobre o que é o clube na sua concepção e os motivos dessa identidade precisar ser mantida: “O clube é imaterial. Ele não é a construção ou o time que está jogando. É o emblema. E o importante é a manutenção e o crescimento desse emblema. E essa identidade é essencial nesse processo”.

Quando chamado a se lembrar de suas memórias mais significativas, Igor não foi capaz de citar apenas um momento. Citou três momentos em que descreveu como aqueles em que “chorou copiosamente pelo clube”, sendo dois deles ligados a experiências negativas (mais uma vez a derrota para o Palmeiras em 2000 é citada, além da queda para a segunda divisão) e um deles ligado a uma experiência positiva (conquista do Mundial Interclubes de 2000). As memórias significativas estão principalmente ligadas a momentos complicados da história do clube, o que vai reforçando a cristalização de um sentimento de pertencimento a um grupo de sofredores.

Estas experiências traumáticas também estão presentes nas conversas de Igor com os torcedores corintianos com os quais vai aos estádios. Igor considera-se um conhecedor da história do clube, assim como seus amigos, que estudam livros e vídeos. Mais uma vez, as memórias partilhadas envolvem aspectos negativos, derrotas, experiências frustrantes típicas de quem considera uma graça divina este estado de sofrimento: “A derrota para o Palmeiras é uma coisa que a gente sempre conversa, quando o Palmeiras saiu da fila em cima da gente (1993). Os títulos normais, como a Copa do Brasil (1995), mas a gente pula um pouco e fala mais sobre os jogos contra o Palmeiras e São Paulo e da queda (Série B- 2007)”.

Alex Silva de Oliveira foi o quinto entrevistado. Corintiano, nascido em São Paulo-SP, no dia 11 de setembro de 1979. Alex é técnico em farmácia e mora no Itaim Paulista, um distrito de São Paulo de IDH médio (0,762), ocupando a 89ª posição entre

os 96 distritos da capital paulista. Alex frequenta o setor Leste Inferior, com ingressos a R\$80,00.

Alex tinha 36 anos quando foi entrevistado e afirma que se tornou torcedor do Corinthians por conta da influência de seu tio, mas principalmente pelas características do primeiro jogo de futebol que viu na televisão, com cerca de nove anos. O entrevistado conta que seu tio assistia ao jogo e o Corinthians perdia para a Associação Atlética Ponte Preta por um a zero, até aos 40 minutos da segunda etapa do jogo. Alex conta que, mesmo na derrota, seu tio torcia “fielmente” para o Corinthians e que a partir dos cinco minutos finais a equipe pressionou e marcou dois gols, conseguindo a vitória.

Alex não soube encontrar de imediato uma expressão que definisse a identidade do Corinthians. Falou sobre a ligação do time em campo com a torcida e de um lema da torcida que pede para que os jogadores joguem pela torcida. Posteriormente, usando um paralelo com um então jogador do clube (Paolo Guerrero), acabou por definir a identidade do clube como um “time de guerreiros”, uma equipe que “mesmo as vezes sem ter qualidade consegue reverter os resultados por conta disso. [...] O Corinthians consegue vitórias de onde não se tiraria com um time basicamente fraco. Isso é mais pela raça, mais por ser guerreiro mesmo”.

Para Alex, esta questão da superação está intimamente ligada à identidade do corintiano, com aquilo que se alega ser o diferencial de sua torcida em relação às outras: “Somos o torcedor de periferia, o torcedor que trabalha a semana inteira e que junta ali o seu dinheirinho, deixa de comprar alguma coisa para comprar o ingresso pra assistir o jogo de futebol, chegar e torcer, mesmo assim sem ter condição”. Mais uma vez, surgem as identificações do corintiano com quem é da periferia, com quem faz sacrifício para poder acompanhar a equipe.

Na conversa sobre qual a memória mais significativa que o entrevistado tem sobre o clube para o qual torce, a referência não foi a uma memória vivida, mas sim que apenas tomou conhecimento: “é uma memória porque a gente acaba conhecendo a história do clube”. Alex se refere ao título de campeão paulista de 1977, encerrando 22 anos sem conquistas. Mesmo sem ter vivido a conquista de 1977 e muito menos os 22 anos de sofrimento pela ausência de títulos, Alex recorreu às diversas histórias e memórias contadas a respeito deste título para chegar à conclusão: “é uma história que corre contra a corrente dos outros clubes, que vivem muito em prol de títulos e crescem

por conta destes títulos. O Corinthians remou contra a corrente. Ele cresceu muito na falta dos títulos”.

Apesar de confundir os termos de memória com história, Alex demonstra como a passagem de experiências e as trocas de informações com gerações anteriores (seja com seu tio, ou por meio de livros, entrevistas ou filmes) marcou aquele momento em sua memória. Uma experiência não vivida, mas compartilhada com o grupo no intuito de demonstrar a força de superação, o sofrimento, a devoção, o crescimento na derrota. Este é tom quando se trata de abordar as memórias compartilhadas do passado do clube entre o grupo de torcedores.

Alex nos dá uma excelente descrição do ambiente de troca de experiências entre diferentes gerações de torcedores dos momentos significativos que marcaram a identidade dos corinthianos: “1977 é o divisor de águas na história do Corinthians. Na roda de samba, na roda de cerveja, inclusive com quem viveu essa história, quem sofreu esses 22 anos - como meu pai, como meu tio, por exemplo, que sofreram com esse revés na história do Corinthians. Quando é lembrado, o que fica mais marcado é a paixão do torcedor”. Roda de samba, de cerveja, com o tio, com o pai, contando histórias de 22 anos de sofrimento e de paixão pelo clube.

O último entrevistado para esta pesquisa foi Cícero Adriano Silva Lima, nascido em São Paulo-SP, dia 17 de abril de 1977. Cícero é marceneiro e também é morador do Itaim Paulista. Cícero frequenta o setor Leste Inferior, com ingressos a R\$80,00. De acordo com ele, sua paixão pelo Corinthians começou quando o mesmo viu o clube vencer o Campeonato Paulista de 1988, assim como Alex. Para Cícero, aquele foi o momento em que ele passou a se identificar com o clube e com a festa feita pelos seus amigos corinthianos.

Cícero, assim como Claudemir e Alex, definiram a identidade do clube como um time de guerreiros, destacando a capacidade de união e superação dos corinthianos: “isso já vem de muitos anos atrás. O Corinthians já teve muitos times que não tinha estrela, mas tinha aquela garra, tinha aquela determinação, tinha aquele foco de ganhar o jogo”. Mais uma vez, destaca-se que a falta de qualidade técnica pode ser superada por conta de um espírito de garra, determinação e foco para ganhar.

E mais uma vez, estes elementos são os que se destacam quando Cícero fala de sua memória mais significativa enquanto torcedor. O entrevistado também cita como

momento emblemático a conquista de 1977, apesar de não a ter vivido. Do mesmo modo que Alex, Cícero fala do episódio como se o tivesse vivenciado, apesar de ter nascido no mesmo ano desta conquista: “23 anos de fila e tamanha festa que teve. Nunca tinha sido vista uma festa como aquela no futebol nacional e aquilo me chamou muito a atenção”. Mas Cícero falou também de uma memória que viveu: a final do Mundial Interclubes, em 2000, no Maracanã, contra o Vasco.

Segundo Cícero, foram 320 ônibus saindo de São Paulo em direção ao Rio de Janeiro em um dos momentos mais marcantes da história do clube: “o que ficou mais gravado mesmo, que não me sai da memória é a caravana de ônibus. [...] A cada hora, saía 10 ônibus e era aquela multidão, aquela leva de ônibus na estrada e isso era muito bonito. Arrepiava”. A viagem de 2000 também está presente nas conversas com outros torcedores, mas, de acordo com Cícero, “só com o pessoal que foi na viagem”. Quando as conversas são com grupo de corintianos em geral, os temas versam sobre as conquistas recentes: “A Libertadores de 2012 e o campeonato Mundial de 2012. Isso daí está muito na minha memória, devido ter sido a primeira Libertadores e a gente comenta muito também, até pela ansiedade de repetir e estar de volta e apresentando o mesmo futebol”.

Maloqueiros e sofredores: graças a Deus?

Após a realização das seis entrevistas, passamos a observar que, apesar de pequenas variações, a identidade do clube girava em torno da mesma temática: a da superação. O fanatismo, o fato de serem o “time do povo” ou um time de guerreiros mostra que o corintiano tem presente que aquilo que o diferencia dos outros é a superação, seja dentro ou fora do campo. Economizando na comida para gastar no ingresso, assistindo o jogo depois de horas no transporte público, conseguindo um título sem jogadores de qualidade: superação e a palavra de ordem.

Esta superação cristaliza-se na memória por meio da recordação de acontecimentos que levem o corintiano a se lembrar que ele é, antes de tudo, um sofredor. As dificuldades para ver o time jogar, as derrotas doloridas para os rivais ou as conquistas como a de 1977, encerrando 22 anos de jejum de títulos, mesmo sem a terem

vivido. As memórias estão presentes de maneira a dar força a essa identidade de superação, de força, de garra.

Assim como a identidade, as memórias individuais e coletivas faziam menção a derrotas doloridas, a conquistas de superação e de possibilidade de não ser gozado pelos rivais. Um dos pontos mais interessantes e que auxiliam a comprovar nossa ideia central de que nas memórias se cristalizam acontecimentos que remetem à identidade com o clube foi o fato de dois dos seis entrevistados (um terço, portanto), colocam que a memória significativa é uma memória relacionada ao sofrimento, relacionada à derrota para um arquirrival. Ao invés desta memória desaparecer ou ser deslocada para o esquecimento, ela vem à tona para dar vida à identidade de sofredor do corintiano. Como afirma Pollack para que o indivíduo possa relatar seus sofrimentos, precisa antes de mais nada encontrar uma escuta (POLLAK, 1989). E esta escuta é justamente a possibilidade de se auto afirmar sofredor. É uma operação exemplar do imbricamento entre memória e identidade, mesmo com memórias ligadas ao sofrimento.

Outra questão interessante foi o fato de dois dos entrevistados citarem como principal memória um acontecimento não vivido. O motivo desta opção (lembrar de um grande momento de superação do clube) é, novamente, relembrar do sofrimento dos torcedores, do grupo ao qual pertencem que ficaram longos 22 anos sem poder comemorar nenhum título. O torcedor, enquanto indivíduo, “valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (KHOURY, 2001, p. 84). O sofrimento de seus antepassados é tão ou mais importante que suas próprias experiências.

Outros aspectos interessantes aparecem nas narrativas dos torcedores. Luiz e Flaviano, advogados e moradores dos Jardins, cita as dificuldades do corintiano que chega a deixar de comprar comida para acompanhar a equipe e alocam o clube como o “time do povo”. Igor, outro advogado entrevistado (frequentador do setor com ingressos mais baratos), também identificou o clube ao “time do povo”. Estas características reforçam o sentimento de “maloqueiro” do torcedor corintiano, mesmo sendo ele um advogado e/ou morador de um dos bairros mais nobres da cidade.

Luiz destaca sua memória mais significativa seus momentos de sofrimento na Argentina sem dinheiro, sem lugar para dormir, sem comida e tudo para conseguir um

ingresso para acompanhar o time. Flaviano e Igor destacam as derrotas para o rival e o sofrimento dos torcedores e dele mesmo naquele momento. As memórias negativas vão lapidando a identidade de sofredores destes torcedores.

Considerações finais

A presente pesquisa não pretende esgotar esta temática e este tipo de investigação. Muito pelo contrário. A ideia é explorar as diferentes potencialidades das fontes orais e para a compreensão da relação entre memória e identidade. Acreditamos que ao trazer para o conjunto das fontes orais as músicas entoadas nos estádios estamos também ampliando as possibilidades de análise das diferentes manifestações de oralidade.

Acreditamos que o presente trabalho apresente algumas limitações. Podemos citar a possibilidade de ampliar o escopo do trabalho, o número de entrevistados, a diversidade de clubes, a inclusão de outros cânticos. No entanto, acreditamos que para uma aproximação inicial, o trabalho demonstra a potencialidade de relacionar as entrevistas com canções populares e buscar nesta análise a circularidade entre identidade e memória.

Destas limitações e das potencialidades sugeridas podem surgir as indicações para pesquisas futuras. Pesquisas com outras torcidas, com outras músicas, com mais entrevistados ou em uma temporalidade mais larga podem dar frutos interessantes sobre a relação entre memória e identidade dos torcedores de futebol. Mas podemos extrapolar o campo esportivo e nos direcionar às canções populares e religiosas entoadas por grupos nas festas populares e cruzar suas letras com as entrevistas sobre as memórias daqueles que participam na festividade, por exemplo.

Pensamos que a maior contribuição desta pesquisa é demonstrar esta possibilidade e encorajar os historiadores a usarem toda a potencialidade das fontes orais, concebida como qualquer manifestação da oralidade na sociedade contemporânea. O cântico que faz referência ao corintiano maloqueiro e sofredor é só entoado em manifestações festivas em apoio ao clube, seja no estádio, em suas imediações ou nas quadras das torcidas organizadas. No entanto, este fenômeno opera poderosa influência no momento da formulação das memórias dos torcedores e em sua relação com o

futebol e com a própria sociedade. E denota toda uma operação entre a formação da identidade e o papel da memória neste processo.

Referências bibliográficas

ALBERT, Stuart; WHETTEN, David A. Organizationalidentity. *Research in organizationalbehavior*, v. 7, p. 263-295, 1985.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Um Historiador fala de Teoria e Metodologia: Ensaios*. Bauru/SP: EDUSC, 2005

CAVALCANTI, Maria L.V.de C. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*, outubro-dezembro, n. 147, 2001, p. 1-11.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In ACHARD, Pierre; et al (org).*Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDITORIAL. [Editorial]. *Oralidades*, v.4, n.7, p. 11-14, 2010.

EMPLASA. A cidade de São Paulo e a Região Metropolitana: Desafios para o século XXI. *Sumário de dados 2000*. CD ROM São Paulo: 2001.

FERREIRA, Marieta de M. História, Tempo Presente e História Oral. *Topoi*, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

GIGLIO, Sergio. Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia. *Oralidades*, v. 4, n. 7, p. 101-124, 2010.

GILBERT, Shirli. Music as historicalsource: social historyand musical texts. *IRASM*, v. 36, n. 1, p. 117-134, 2005.

GIOIA, Dennis A; SCHULTZ, Majken; CORLEY, Kevin G. Organizational identity, image, and adaptive instability. *Academy of Management Review*, v. 25, n. 1, p. 63-81, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1968.

_____. Fragmentos da Memória Coletiva. Seleção e Tradução. Miguel Angel Aguilar D. *Revista de Cultura Psicológica*, Año 1, Número 1, 1991.

KHOURY, Y.A. Narrativas orais na investigação da história social. *Proj. História*. n. 22, p.79-104, jun., 2001

LE GOFF J. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão, Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LOZANO, José E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, p. 15-25.

MEIHY, José C. S.B. O Samba é Morena de Angola: oralidade e música. *História Oral*, n. 7, 2004, p. 121-143.

MEIHY, José C.S.B. e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como pensar, como fazer*. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, Livia N. História Oral e as festas do Rosário: memória, ancestralidade e identidade negra em Minas Gerais. *Resgate*, v. 22, n. 27, p. 31-40, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Proj. História*, v. 10, p. 7-28, 1993

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In ACHARD, Pierre; et al (org). *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 03, p. 03-15, 1989.

RODEGHERO, Carla S. e OLIVEIRA, Márcia R. Apresentação: História Oral e História do Tempo Presente. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 5-6, 2014.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. *Saeculum – Revista de História*. n. 18, p. 33-46, 2008.

SANTOS, João M.C.M. O ‘Time do Povo’: vantagem competitiva na construção e manutenção da identidade do Sport Club Corinthians Paulista. In: SEMEAD: Seminários de Administração, 17., 2014. São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2014, p.1-17.

SILVA, Luis H. R., PEREIRA, Ester L. e MAZO, Janice Z. O uso de fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do Fogo Simbólico. *Cinergis*, v. 14, n. 3, p. 166-171, 2013.

SILVEIRA, Eder Silva da. História oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: História & Cultura*.v. 6, n. 12, p. 35-44, 2007.

SUTTON, Silvia H. Elementos identitários a partir de uma perspectiva religiosa refletida nas canções populares. *Oralidades*, v.4, n. 8, p. 213-241, 2010.

TONINI, Marcel Diego. Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores. *Oralidades*, v. 4, n. 7, p. 125-146, 2010.

VARANDA, Walter e ADORNO, Rubens de C.F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004.

WEBER, Roswithia e KUNZ, Marinês A. De quem é a festa? Diversidade étnica nas comemorações do 25 de julho em São Leopoldo (RS). *História Oral*, v. 16, n. 1, p. 85-102, 2013.

WHETTEN, David A. Albert and Whetten revisited: Strengthening the concept of organizational identity. *Journal of Management Inquiry*, v. 15, n. 3, p. 219-234, 2006.

Recebido em 10 de novembro de 2016
Aprovado em 20 de dezembro de 2016